

TAI CHI CHUAN E BREAKING: OS USOS E AS RELAÇÕES NO MAM (MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO)

Mirila Greicy Bittencourt Cunha¹

Resumo: Um marco importante presenciado em minhas visitas ao acompanhamento do grupo de interlocutores investigados para a pesquisa de dissertação torna-se aqui, o tema desse trabalho. A saber, os modos de usos e *contra-usos* da área externa do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, por grupos de praticantes de *Break* e de *Tai Chi Chuan*. O lugar é o mesmo, os horários aos encontros para as realizações das práticas também podem coincidir, contudo, o modo como se dá a atuação via linguagem corporal é diferente. Os *B. Boys* e as *B. Girls* normalmente executam movimentações mais aceleradas e no nível médio e baixo. Já os praticantes da arte marcial chinesa atuam em movimentos mais calmos e suaves e no nível alto. E, se não fosse os séculos de nosso processo histórico reservado à brutal violência da escravidão poderia até ser “mera coincidência” o primeiro grupo ser de negros e o segundo de brancos. Constatação que *per si* delimita, literalmente, no ambiente e no espaço geográfico da estrutura física do museu, fronteiras entre quem “pode”, e onde “pode” ou “não pode” Impedimento reservado ao caso dos grupos *Breaking*, que são majoritariamente jovens negros e homens, delimitados à realização de seus encontros aos vãos das laterais do MAM. Enquanto ao grupo de maioria idosa e branca fica permitido as aulas ocorrerem de frente à entrada do museu. A partir de tal exemplo-questão é possível, e visível, questões étnicos-raciais, econômicas, sociais, culturais e políticas, que não cabem à justificativa de permissão de uso para um e não para outro, sobre a afirmativa de poder “atrapalhar a passagem”.

Palavras-chave: MAM, *Breaking*, *Tai Chi Chuan*.

¹ Mestra em Sociologia Política PPGSP/UENF - mirila.greicy@gmail.com